

A TERRA DELAS



Charlotte Perkins Gilman

# A TERRA DELAS

Tradução  
Jéssica F. Alonso



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*Herland*

Produção editorial  
Ciranda Cultural

Texto  
Charlotte Perkins Gilman

Revisão  
Karine Ribeiro

Editora  
Michele de Souza Barbosa

Diagramação  
Linea Editora

Tradução  
Jéssica F. Alonso

Design de capa  
Ana Dobón

Preparação  
Valquíria Della Pozza

Imagens  
Tarskaya\_Tatiana/shutterstock.com

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G487t Gilman, Charlotte Perkins

A terra delas / Charlotte Perkins Gilman ; traduzido por Jéssica F. Alonso. – Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Herland  
ISBN: 978-65-5552-451-2

1. Literatura americana. 2. Romance. 3. Ficção científica feminista.  
I. Alonso, Jéssica F. II. Título. III. Série.

2021-1202

CDD 813.5

CDU 821.111(73)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana : Romance 813.5
2. Literatura americana : Romance 821.111(73)-31

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# Sumário

Um feito nada artificial.....	7
Avanços rápidos.....	22
Um aprisionamento peculiar .....	36
Nossa empreitada .....	52
Uma história única.....	68
Comparações desagradáveis .....	84
Nossa crescente modéstia.....	98
As garotas da Terra Delas .....	113
Relações: as nossas e as delas .....	129
Suas religiões e nossos casamentos .....	145
Nossas dificuldades.....	159
Expulsos.....	176





# Um feito nada artificial

Escrevo isto de memória, infelizmente. Se eu tivesse trazido comigo o material que preparei com tanto cuidado, seria uma história bem diferente. Livros inteiros repletos de anotações, registros copiados com minúcia, descrições inéditas e as fotografias... Elas são a maior perda. Tínhamos algumas aéreas das cidades e dos parques, várias vistas adoráveis das ruas, do exterior e do interior dos prédios, algumas daqueles maravilhosos jardins e, mais importante que tudo, das próprias mulheres.

Ninguém jamais acreditará na aparência delas. Nunca me dei muito bem com descrições, e elas sempre são insatisfatórias quando se trata de mulheres. Mas tenho que fazer isso de alguma forma; o resto do mundo precisa conhecer aquele país.

Não revelo onde fica por receio de que algum autodenominado missionário, comerciante ou expansionista sedento por terras se ache no direito de invadi-lo. Eles não serão bem-vindos, isso eu posso garantir, e se darão pior do que nós caso o encontrem.

Começou assim: éramos três colegas de classe e amigos, Terry O. Nicholson (a quem costumávamos chamar de Velho Nick por uma boa razão), Jeff Margrave e eu, Vandyck Jennings.

Nós nos conhecíamos fazia muitos anos e, apesar das nossas diferenças, tínhamos bastante coisa em comum: os três se interessavam por ciências.

Terry era rico o bastante para fazer o que bem entendesse. Seu maior propósito era a exploração. Ele costumava fazer uma porção de coisas, porque, dizia, não sobrara mais nada a ser explorado, e só lhe restava juntar e costurar tudo. Ele se virava bem, pois era muito talentoso, sobretudo com sistemas mecânicos e elétricos. Tinha uma porção de barcos e veículos motorizados e era um dos nossos melhores pilotos.

Nós jamais teríamos conseguido fazer a coisa toda sem Terry.

Jeff Margrave nasceu para ser um poeta, um botânico (ou os dois), mas seus pais o persuadiram a estudar medicina. Era um bom médico para a idade, mas seu verdadeiro interesse era no que ele adorava chamar de “as maravilhas da ciência”.

Quanto a mim, cursei sociologia. É claro que você precisa relacionar tais estudos a várias outras ciências. Interesse-me por todas.

O ponto forte de Terry eram os fatos (geografia, meteorologia e coisas assim), Jeff sempre o superava em biologia, e eu não me importava com o que conversavam, a menos que o assunto estivesse relacionado à vida humana de alguma forma. Poucas coisas ficam de fora.

Nós três tivemos a oportunidade de participar de uma grande expedição científica. Precisavam de um médico, o que deu a Jeff a desculpa que precisava para largar a residência recém-iniciada; precisavam da experiência, das máquinas e do dinheiro de Terry; e eu entrei pela influência dele.

A expedição adentrou por milhares de afluentes e enormes regiões ribeirinhas de um grande rio, onde os mapas ainda precisavam ser



traçados, os dialetos selvagens, estudados, e onde esperávamos encontrar todo o tipo de flora e fauna desconhecidas.

Mas esta história não é sobre essa expedição. Ela só foi o ponto de partida da nossa.

A princípio, meu interesse foi despertado ao conversar com nossos guias. Sou rápido com idiomas, sei falar vários e aprendo com facilidade. Graças a isso e a um intérprete excelente que levamos conosco, descobri algumas lendas e mitos folclóricos daquelas tribos isoladas.

Conforme avançávamos rio acima num escuro emaranhado de afluentes, lagos, pântanos e densas florestas, com esporões compridos e inesperados despontando vez ou outra das grandes montanhas mais além, percebi que várias daquelas tribos selvagens contavam a história de uma estranha e terrível Terra de Mulheres ao longe.

“Lá para cima”, “bem ali”, “seguindo em frente” eram as informações que conseguiam dar, mas todas as lendas concordavam na questão principal: havia um país estranho onde não moravam homens, apenas mulheres e meninas.

Nenhuma dessas pessoas jamais o vira. Elas diziam que era um lugar perigoso e mortal para qualquer homem. Mas havia um conto muito antigo de um corajoso investigador que o tinha visto: País Grande, casas grandes, muita gente... Tudo Mulher.

Ninguém mais tinha ido até lá? Sim, várias pessoas, mas elas nunca voltavam. Não era um lugar para os homens, todos pareciam ter certeza disso.

Contei essas histórias aos meninos, e eles riram delas. É claro que ri também. Eu conhecia a matéria que formava os sonhos dos selvagens.

Contudo, quando alcançamos o ponto mais distante da nossa jornada, um dia antes de darmos meia-volta e começarmos a seguir de volta para casa, como é preciso fazer mesmo nas melhores expedições, nós três descobrimos uma coisa.

O acampamento principal foi montado em uma restinga do ribeirão principal (ou onde pensávamos ser o ribeirão principal). Tinha a mesma cor lamacenta que víamos durante as últimas semanas, o mesmo gosto.

Despreocupadamente, falei sobre aquele rio com nosso último guia, um camarada distinto com olhos rápidos e brilhantes.

Ele me contou que havia outro rio “bem ali, rio pequeno, água doce, vermelho e azul”.

Interessei-me e fiquei ansioso para saber se tinha entendido direito. Mostrei a ele um lápis vermelho e outro azul, e perguntei de novo.

Sim, ele apontou para o rio e, em seguida, para Sudoeste:

– Rio... Água boa... Vermelho e azul.

Terry estava perto e ficou interessado no que o camarada estava apontando.

– O que ele está dizendo, Van?

Contei a ele.

O rosto de Terry se iluminou de imediato.

– Pergunte quão longe é.

O homem indicou uma jornada curta, supus algo em torno de duas, talvez três horas.

– Vamos lá! – disse Terry com empolgação. – Só nós três. Talvez encontremos mesmo alguma coisa. Pode ser que tenha cinabre.

– Pode ser índigo – sugeriu Jeff com um sorriso preguiçoso.

Ainda era cedo, tínhamos acabado de tomar o café da manhã, e partimos em silêncio prometendo voltar antes do anoitecer; não queríamos parecer muito ingênuos caso falhássemos, mas tínhamos uma secreta esperança de fazer uma pequena descoberta sozinhos.

Foram duas longas horas, quase três. Acredito que o nativo teria avançado muito mais rápido se estivesse desacompanhado. Troncos e água emaranhavam-se desordenadamente e jamais conseguiríamos atravessar sozinhos aquele caminho pantanoso. Mas havia uma passagem, e notei que Terry, equipado com bússola e caderno, anotava as coordenadas e tentava sinalizar o caminho.

Depois de um tempo, chegamos a uma espécie de lago brejeiro, tão grande que a floresta circundante parecia baixa e escura ao seu redor. Nosso guia nos disse que os barcos podiam seguir dali até o nosso acampamento, mas era “muito longe... dia inteiro”.

A água era um pouco mais clara do que a que tínhamos deixado para trás, mas não conseguíamos ver direito da beirada. Margeamos por aproximadamente mais meia hora, o solo cada vez mais firme conforme avançávamos, até enfim dobrarmos um promontório arborizado e nos depararmos com uma paisagem bem diferente: uma visão repentina de montanhas, escarpas e planícies.

– Um daqueles esporões compridos a leste – avaliou Terry. – Podem estar a centenas de milhas da borda. Eles se formam assim.

De repente, deixamos o lago e demos de cara com as falésias. Ouvimos a água corrente antes de alcançá-la, e o guia apontou com orgulho para o rio dele.

Era pequeno. Conseguíamos ver de onde desaguava, uma catarata vertical e estreita em uma abertura na frente da falésia. A água era doce. O guia bebeu com avidez, nós também.

– É água de neve – anunciou Terry. – Deve vir lá de trás das colinas.

Quanto a ser vermelho e azul... Estava mais para esverdeado. O guia não pareceu nada surpreso. Ele andou um pouco ao redor e nos mostrou uma piscina adjacente onde havia manchas vermelhas na margem e, sim, azuis também.

Terry sacou sua lupa e acorrou-se para investigar.

– É algum tipo de produto químico. Não sei dizer qual. Parece uma espécie de corante. Vamos chegar mais perto da queda-d’água – pediu ele.

Arrastamo-nos pela ribanceira íngreme e nos aproximamos da piscina que espumava e borbulhava sob a água que caía. Examinamos a margem e encontramos marcas distintas e coloridas. E mais: Jeff de repente apareceu com um troféu inesperado.

Era só um retalho, um pedaço de tecido comprido e emaranhado. Mas era um pano bem urdido com um padrão e um vermelho-escarlate

vívido que a água não foi capaz de desbotar. Nenhuma tribo selvagem das quais ouvimos falar fazia tecidos como aquele.

O guia ficou parado serenamente na ribanceira, satisfeito com nossa empolgação.

– Um dia azul, um dia vermelho, um dia verde – ele nos contou e puxou do bolso outra tira de tecido de cor vibrante. – Desce – afirmou ele, apontando para a catarata. – País de Mulher, lá em cima.

Então ficamos interessados. Descansamos e almoçamos ali mesmo, e pressionamos o homem para nos dar mais informações. Ele apenas nos disse o que os outros já haviam afirmado: uma terra de mulheres, sem homens, com bebês, todas meninas. Não é lugar para homens, perigoso. Alguns foram ver, nenhum voltou.

Percebi o maxilar de Terry se apertar com aquilo. Não é lugar para homens? Perigoso? Parecia prestes a escalar a cachoeira naquele instante. Mas o guia não quis saber de subir, mesmo se houvesse alguma forma de galgar aquela falésia íngreme, tínhamos que reencontrar o grupo antes do anoitecer.

– Talvez eles fiquem se contarmos – sugeri.

Mas Terry parou.

– Olhem só, companheiros – disse ele. – É uma descoberta nossa. Não vamos contar nada àqueles professores velhotes e metidos. Vamos para casa com eles e voltamos para cá depois, só nós, numa pequena expedição independente.

Olhamos para ele, bastante impressionados. Para um grupo de jovens solteiros, havia algo de atraente em encontrar um país desconhecido de natureza amazônica.

É claro que não acreditávamos na história, mas mesmo assim!

– Nenhuma dessas tribos locais faz um tecido como este – anunciei enquanto examinava aqueles retalhos em detalhes. – Alguém fia, tece e tingem em algum lugar lá em cima, do mesmo jeito que fazemos.

– Isso significaria uma civilização de nível considerável, Van. Não é possível que exista um lugar assim, e ninguém o conheça.

– Ah, eu não sei... Como chamava mesmo aquela república antiga no alto dos Pirineus? Andorra? Pouquíssimas pessoas a conhecem, e ela está lá cuidando da própria vida há alguns séculos. E tem também Montenegro, um belíssimo e pequeno Estado. Dá para colocar uma dúzia de Montenegros nestas amplas terras.

Discutimos sobre isso com fervor durante todo o caminho de volta para o acampamento. Discutimos com cuidado e em particular durante a viagem para casa. Discutimos depois, ainda somente entre nós, enquanto Terry cuidava das coisas.

Terry estava muito empolgado. Era sorte ele ter tanto dinheiro. Nós teríamos que pedir e anunciar por anos para começar a empreitada, e tudo não passaria de um assunto de deleite público, dando pano para manga aos jornais.

Mas T.O. Nicholson conseguiu equipar seu grande iate a vapor, embarcar sua lancha ampla construída especialmente para a ocasião e ainda encaixar um biplano “desmontado” sem causar nada além de uma nota na coluna social.

Tínhamos provisões, precauções e todo o tipo de suprimentos. A experiência que ele acumulara foi de grande valia nesse caso. Éramos um grupo pequeno e muito bem equipado.

Deixaríamos o iate no porto seguro mais próximo e subiríamos aquele rio interminável com nossa lancha, apenas nós três e um piloto. Depois, desembarcaríamos o piloto naquela última parada que fizemos com o grupo anterior e seguiríamos sozinhos pelas águas claras.

A lancha ficaria ancorada naquele amplo lago fundo. Ela tinha uma cobertura de proteção especial, fina, porém resistente, que se fechava como uma concha.

– Nenhum nativo conseguirá abri-la, nem a danificar, nem a tirar do lugar – explicou Terry, orgulhoso. – Alçaremos voo a partir do lago e o barco será a base para a qual poderemos voltar.

– Se voltarmos – sugeri, animado.

– Está com medo de ser devorado pelas damas? – zombou ele.

– Não temos tanta certeza assim sobre as damas, sabe – falou Jeff de modo arrastado. – Pode ser que haja um contingente de homens com flechas envenenadas ou algo do tipo.

– Você não precisa ir se não quiser – comentou Terry secamente.

– Não ir? Você precisará de um mandado para me impedir! – Jeff e eu tínhamos certeza de que queríamos fazer isso.

Mas nossas opiniões divergiam durante todo o percurso.

Viagens transatlânticas oferecem uma oportunidade excelente para discussões. Agora que não havia abelhudos por perto, podíamos vadiar e descansar nas cadeiras do deque e ficar conversando e conversando... Não tínhamos mais nada para fazer. E a completa falta de informações ampliava ainda mais o campo de discussão.

– Vamos deixar documentos com o cônsul onde o iate vai ficar – planejou Terry. – Se não voltarmos em, digamos, um mês, eles poderão enviar um grupo de resgate para ir atrás de nós.

– Uma expedição punitiva – retruquei. – Se as damas realmente nos devorarem, teremos que nos vingar.

– Não será difícil localizar aquela última parada, e fiz uma espécie de mapa daquele lago, das falésias e da cachoeira.

– Certo, mas como eles vão subir? – perguntou Jeff.

– Do mesmo jeito que nós, é claro. Se três preciosos cidadãos norte-americanos se perderem lá em cima, eles irão atrás de algum jeito. Sem contar as deslumbrantes atrações daquele belo país. Vamos chamá-lo de “Feminísia” – ele parou de falar.

– Você está certo, Terry. Quando a história for divulgada, o rio vai ficar cheio de expedições e as aeronaves subirão como uma nuvem de mosquitos. – Eu ri com esse pensamento. – Erramos feio ao deixar de informar a imprensa clandestina sobre isso. Socorro! Que manchetes seriam!

– Nada disso! – resmungou Terry. – Essa festa é nossa. Vamos encontrar esse lugar sozinhos.

– O que você fará quando encontrá-lo, se isso acontecer? – perguntou Jeff serenamente.

Jeff era uma alma gentil. Acho que ele pensava que aquele país (se existisse mesmo) estaria tomado por rosas, bebês, canários, limpeza, todo esse tipo de coisa.

E Terry, no fundo do coração, visionava uma espécie de estância veranil sublimada; apenas garotas, e garotas, e garotas, e ele achava que seria... Bem, Terry era popular entre as mulheres mesmo quando havia outros homens por perto, e não era de surpreender que tivesse sonhos agradáveis com o que poderia acontecer. Eu via isso em seus olhos, quando o encontrava deitado olhando em direção às compridas ondas azuis, acariciando o imponente bigode.

Mas, na época, eu achava que conseguia vislumbrar uma ideia mais precisa que a deles sobre o que encontraríamos pela frente.

– Vocês estão por fora, meninos – eu insistia. – Se esse lugar existir mesmo (e parece haver algumas bases para acreditar que sim), vocês verão que é construído sobre alguma espécie de princípio matriarcal. É isso. Os homens têm um culto separado, são menos desenvolvidos socialmente do que as mulheres e devem visitá-las uma vez por ano, em uma espécie de visita conjugal. Sabe-se que existiram comunidades assim, esta é uma sobrevivente. Elas devem estar em algum vale ou planalto particularmente isolado lá em cima, e seus costumes primitivos sobreviveram. É só isso.

– E os meninos? – indagou Jeff.

– Ah, os homens os levam embora assim que fazem 5 ou 6 anos, sabe.

– E o que você acha dessa teoria sobre o perigo que todos os nossos guias alegaram com tamanha certeza?

– Pode ser bem perigoso, Terry. E temos que ser extremamente cuidadosos. As mulheres de culturas desse nível são bastante aptas a se defender e não recebem bem visitantes inoportunos.